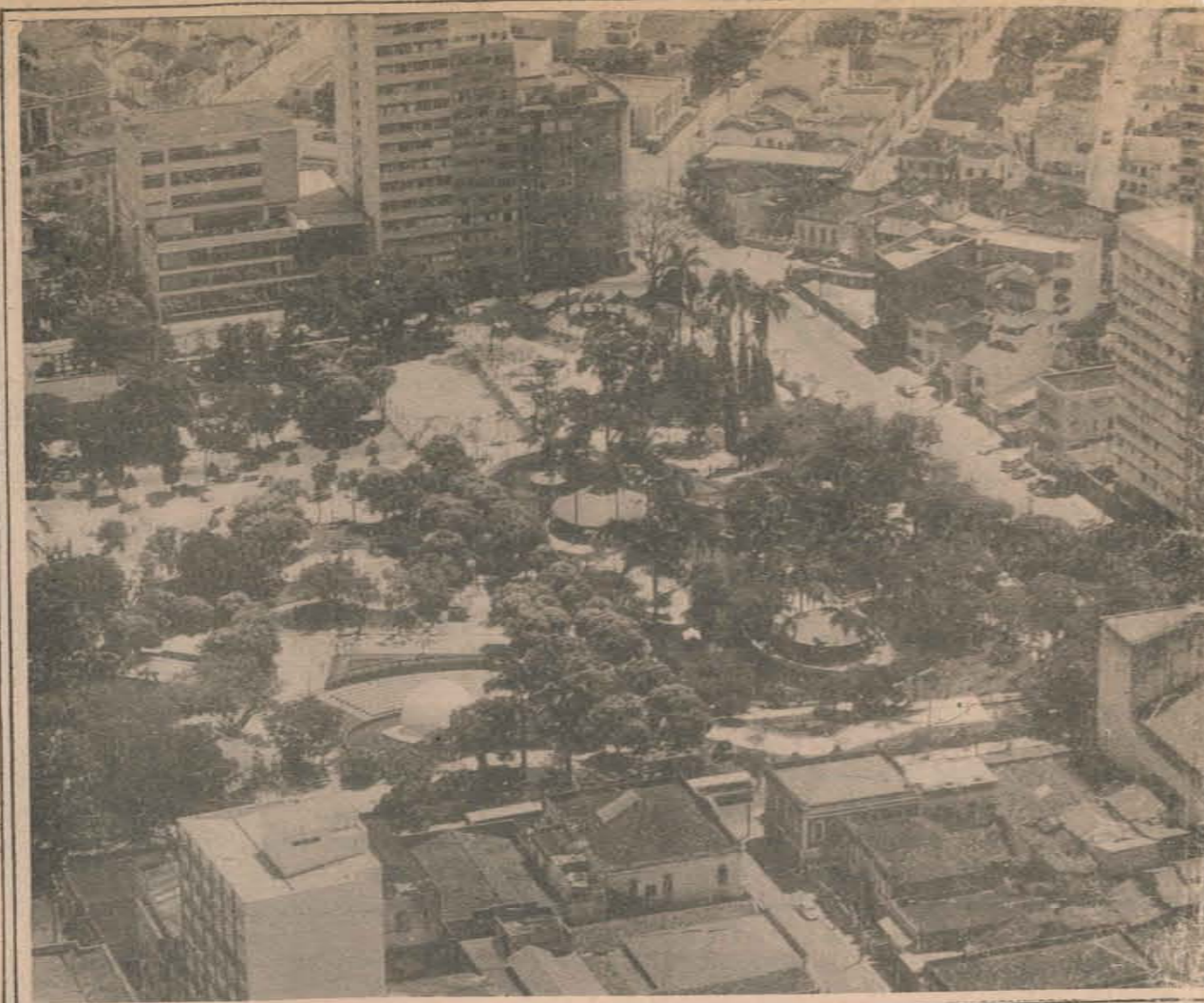
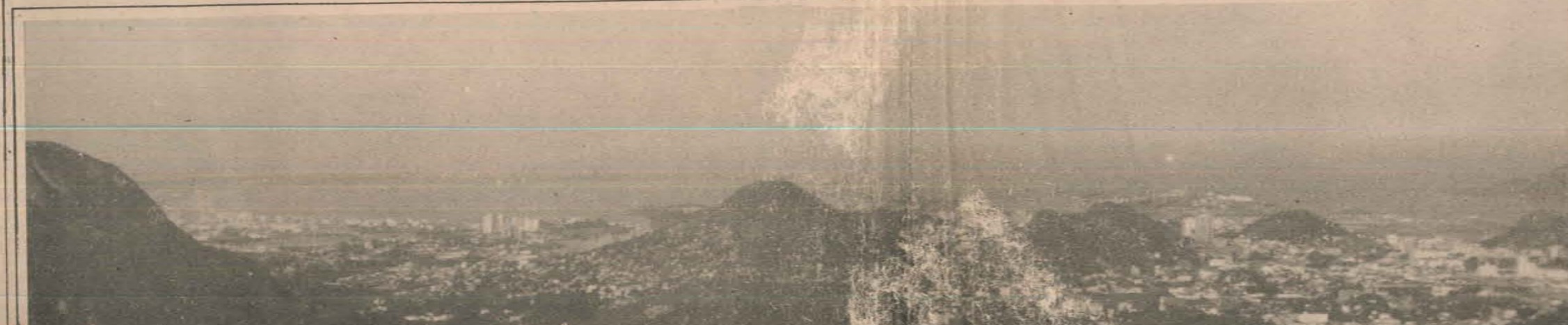


# VITÓRIA, 428 ANOS





“Mas é que, o outono, em Vitória, une a constância da brisa com a luz que surpreende as pessoas inesperadamente, provocando sempre o sentimento de euforia com o qual uma pessoa é capaz de reformular todos os conceitos que regem sua visão estóica e ou pessimista de conduta, e passar a acreditar que é preciso aproveitar ao máximo essa luminosidade e este vento soprando. No outono, em Vitória, há uma mudança gradativa na conduta das pessoas — que se entregam mais livres e irresponsáveis a tudo o que possa acontecer numa noite de boemia. Através do outono, uma pessoa repentinamente estanca — e sorri, sorri muito, sem saber exatamente porquê, apenas seguindo a linha de um pensamento muito antigo de que se esquecera durante toda a vida; a pessoa sorri, por puro prazer de existir, aqui, agora, aproveitando gratuitamente o outono e sua luminosidade. Às vezes, uma pessoa estanca e abstrai o olhar pesquisando alguma sensação agradável que já vivera; termina por sorrir, sem constrangimentos. Às vezes, no outono, uma pessoa começa a falar sozinha, ou, quando na companhia de amigos, inicia uma observação detalhada de algo vivido antes com dor e espanto, mas agora tudo flui rapidamente e então, de repente, a pessoa descobre que não entende exatamente o que está falando — não o sentido, mas as palavras que usa para isso. Às vezes, no outono, uma pessoa segue imperceptivelmente as direções do vento, louco, toma e, logo em seguida, descobre-se profundamente espantada com o fato de que viver em Vitória é possível para sempre, naquele momento. Às vezes, no outono, de repente — profundamente perplexa — uma pessoa se conscientiza de que um corpo desconfia desde sempre e passa a maior parte da vida escondendo; uma pessoa abre os lábios e sente o agulhão de dor — o sangue se espalha pelos pontos estratégicos do corpo, com o cérebro em sobressalto ao perceber que está descoberta será registrada na memória, anulando ou passando para segundo plano todas as coisas à toa ou as dores profundas de uma vida; de repente, sob a luz do fim do dia (entre violáceo e dourado) uma pessoa descobre no outono em Vitória que não existe passado, presente, futuro, outono, inverno, primavera. De repente, uma pessoa descobre que é eterna e que — portanto — aceita-se morrer sem constrangimentos ou revoltas. De repente, uma pessoa aceita, de olhos fundos e secos. E esta será sempre a expressão que apresentará às exigências, acusações, crueldades e impasses de sua vida: o profundo espanto pelo fato de encontrar-se vivo para sempre.” (Trecho do livro *A Passagem do Século*, de Amílton de Almeida).







memória, anulando ou passando para segundo plano todas as coisas à toa ou as dores profundas de uma vida; de repente, sob a luz do fim do dia (entre violáceo e dourado) uma pessoa descobre no outono em Vitória que não existe passado, presente, futuro, outono, inverno, primavera. De repente, uma pessoa descobre que é eterna e que — portanto — aceita-se morrer sem constrangimentos ou revoltas. De repente, uma pessoa aceita, de olhos fundos e secos. E esta será sempre a expressão que apresentará às exigências, acusações, crueldades e impasses de sua vida: o profundo espanto pelo fato de encontrar-se vivo para sempre. (Trecho do livro *A Passagem do Século*, de Amylton de Almeida).



# Uma cidade e a criação de sua história

"Viver em Vitória é permanecer em exílio", diz o escritor Amylton de Almeida, e só nos apercebemos do significado dessa frase quando, por uma questão de curiosidade ou espírito nômade, manifestamos o desejo de deixá-la. Percebemos então que é quase humanamente impossível, mesmo porque, a esta altura, ela já se tornou parte da nossa história, sua geografia já se identifica com o nosso corpo.

Percebemos então que caminhar por entre as suas ruas, contemplar sua paisagem magnífica, criticar ou até mesmo desprezar certos aspectos, constitui parte do mistério contido nessa ilha. Às vezes, paradoxalmente, chegamos a odiá-la e desejamos ardentemente nos libertar de sua presença tirânica, da sua vida provinciana, da ironia de sua história.

Só então sabemos ser impossível, principalmente porque, por alguma razão, algo de terrivelmente trágico ou inacreditavelmente maravilhoso já nos aconteceu. Resta então, por uma questão de conhecimento daquilo que somos e representamos, buscarmos as razões e explicações para todos estes fatos. Descobrimos que se temos uma paisagem que aos nossos olhos ergue-se imponente e altiva nos seus cumes, suave e acariciante na brisa, é porque, de alguma forma, contribuímos para essa percepção; e temos a sensação que a paisagem existe em nós, enquanto manifestação da grandiosidade do espírito, e seu prolongamento na paisagem exterior que ergue-se nos prédios sopra na brisa, fervilha nas multidões das esquinas, ou na quietude das praças.

Porque "viver em Vitória é permanecer em exílio", e por uma questão de autocohecimento, procuramos na sua história, na sua geografia, uma explicação satisfatória.

Propriamente sua história começa antes mesmo de sua existência, isto é, a partir dos fatos que deram início à sua descoberta. Com os pioneiros portugueses, quando, juntamente com Vasco Fernandes Coutinho, desembarcaram no Monte Moreno em Vila Velha.

Inicialmente a impressão era de que se tratava de um rio estavam à esquerda da entrada da Bahia — e o que conseguiram ver era apenas a terra toda florestada, onde sobressaía uma e outra montanha. Logo na chegada a surpresa: os índios os esperavam im-

punhando flechas. E eram homens fortes, queimados que observavam aqueles homens estranhos, vestidos de maneira estranha.

José Teixeira de Oliveira, quase como quem estivesse presente à ocasião, descreve o primeiro contato: com a terra revelou os tropeços que aguardavam aquele pugilo de aventureiros: os índios lhes fizeram uma recepção nada cordial. Postando-se armados em grupos na praia, mostravam-se dispostos a se o-porem ao desembarque. Alguns disparos das peças de bordo (canhões naturalmente) anularam a pretensão, levando-os atemorizados a se refugiarem na floresta."

A 23 de maio de 1935, era dedicado pela Igreja Católica, à terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, e conforme costumes dos viajantes portugueses, quaisquer acidentes geográficos, rio, baía, ilha, receberia o nome do acontecimento religioso do dia. É aquela ilha recém descoberta, e cujas proporções ou natureza geográfica ainda não era nem conhecida, passou a se chamar

Espírito Santo, nome que depois se tornou extensivo a toda capitania.

Logo que estabelecidos em terra a preocupação dos viajantes, era naturalmente, de construir abrigo. Foram erguidas fortificações contra as acometidas da terra das florestas vizinhas, levantadas com material acessível. Onde hoje existe o 38º Batalhão de Infantaria, em Vila Velha, fora no passado, o lugar onde foram construídos os primeiros casebres. Mais tarde, construíram a fortaleza de Piratininga, especialmente para a defesa contra os corsários que àquela época já rondavam as costas brasileiras.

Segundo a história, os posseiros portugueses iniciaram a construção de pequenas casas, cerca de trinta para a acomodação de pouco mais de sessenta pessoas.

Investido do poder português, Vasco Fernandes Coutinho tomou as providências para a tomada definitiva da terra, abriu brechas nas florestas, construiu vilas e fortalezas e distribuiu áreas de terra. Teixeira de Oliveira conta no seu livro *História do Espírito Santo* que "desapareceram os registros das primeiras cessões de terras, mas, pelo menos das ilhas situadas na baía (hoje Baía de Vitória) se conhecem os nomes dos aquinhoados. A primeira, junto à barra — hoje a Ilha do Boi — foi distribuída



Inauguração da Praça 8 de Setembro - Vitória 1910

a dom Jorge de Menezes; a outra — hoje Ilha dos Frades — a Valentim Nunes, que durante muito tempo ficaram conhecidos pelo nome de seus proprietários.

Conta ainda Teixeira de Oliveira que "a história particular da Ilha começa com Duarte Lemos, considerado o braço-direito de Vasco Fernandes Coutinho, em 15 de julho de 1537, quando ele assinou o alvará de doação da Ilha de Santo

Antônio em favor do seu companheiro. Nos termos do documento a doação assim está expressa: "Mando que este valha até que meus herdeiros ou herdeiro lhe faça pela doação da dita Ilha que ora lhe tenho dado por muito que lhe devo e por me vir ajudar a sustentar a terra que sem a sua ajuda o nam fizera, e mando o meu herdeiro sob pena de maldição que o cumpra muito mais se o poder".

Lemos distribuiu então grandes sesmarias entre os moradores da terra e após comprometer-se de fortificá-la contra as invasões, parte com Vasco Fernandes Coutinho para Lisboa, em 1540, já de posse da escritura, retorna não mais à Ilha, mas a Porto Seguro, enquanto Vasco permanecia em Portugal.

A partir daí a Ilha fica abandonada à sua sorte quando para

substituí-los, ficou Duarte Lemos de Menezes, pessoa considerada inescrupulosa e leviana. "Escolha infeliz, que, logo de início, provocou ressentimentos entre os moradores, que se sentiram diminuídos pela presença de tal personagem à frente da lei. Valente é exato, mas cheio de paixões incompatíveis com a compostura de uma autoridade. Além de violento, de índole inconstante e leviano, Jorge de Menezes era um depravado". De volta ao Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho retoma o poder e tenta conquistar os companheiros que lhe restavam, com o apoio de donatário da Capitania de São Tomé.

Os frequentes ataques indígenas forçaram-nos a se interiorizar e passarem para as povoações que se erguiam em outros pontos. Após as desordens registradas durante o período que D. Jorge de Menezes comandara a Ilha, não existia muita defesa contra os ataques e, em busca de refúgio, eles passaram a habitar a ilha

de Duarte de Lemos, onde sofreram novos ataques dos silvícolas.

Saindo do primeiro núcleo de povoação, Vila Velha, mudaram-se para uma nova povoação que surgia, Vila Nova, onde sofreram, também, ataques indígenas. Saindo vitoriosos do ataque no dia 8 de setembro de 1851, o nome do lugarejo foi mudado. Surgiu então a Ilha de Vitória, em homenagem ao sucesso contra os ataques dos Silvícolas.

Segundo conta a história: "No dia 8 de setembro de 1851 uma grande vitória dos ilhéus sobre os aborígenes e, por essa razão, foi novamente mudado o nome do lugarejo para o de Vitória, que até hoje conserva. O seu nome, simbolizando o triunfo verdadeiramente decisivo da civilização sobre a selvageria, definiu a estabilidade de Vasco Fernandes Coutinho que, a despeito de todas as infelicidades com que se houve pode, assim, estabelecer o seu Governo na Vitória, livre já das investidas aborígenes".



Vista geral da Vila Rubim



# Inventário das pesquisas minerais mostra realidade do Espírito Santo

Entre 1972 e 1978 foram feitos 1271 pedidos de pesquisa de jazidas minerais no Espírito Santo. Isto representa 78,7 por cento do total de solicitações feitas entre 67/78 e indica bem a atração que o setor vem exercendo sobre a iniciativa privada, devida principalmente ao início de implantação dos grandes projetos capixabas, particularmente da Companhia Siderúrgica de Tubarão.

Visando uma avaliação regional dos recursos minerais e, ainda, fornecer informações de interesse para a programação setorial do Governo, a Secretaria do Estado da Indústria e Comércio (Seic) celebraram convênio com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Espírito Santo (Ideies), e acabou de lançar o Inventário de Recursos Minerais do Espírito Santo- 1979.

O importante trabalho traz um levantamento sobre as jazidas existentes no Estado, os principais pontos de exploração, a distribuição geográfica das reservas e uma série de outras informações necessárias ao objetivo proposto — particularmente o de fornecer subsídios ao programa setorial governamental.

## DISTRIBUIÇÃO

A produção mineral do Espírito Santo, segundo o Inventário realizado pela Secretaria da Indústria e Comércio, concentra-se, principalmente, nos municípios da Grande Vitória e na Região de Cachoeiro de Itapemirim / Castelo: "Se observamos a arrecadação do Imposto Único sobre Minerais (IUM) no período janeiro - outubro de 1978, podemos constatar este fato, pois os municípios da Grande Vitória participaram com 26 por cento da arrecadação total do IUM, Cachoeiro de Itapemirim / Castelo, com 56 por cento, enquanto o restante dos municípios participou apenas com 18 por cento da arrecadação total".

Desta forma, a região da Grande Vitória e Cachoeiro concentra 82 por cento da arrecadação do Imposto Único sobre Minerais, ficando a Grande Vitória com um valor de Cr\$ 5.296,717, Cachoeiro / Castelo com Cr\$ 11.387,688, enquanto os

outros municípios contribuíram com Cr\$ 3.619,371, ou seja, apenas 18 por cento do total de Cr\$ 20.304,776.

A Grande Vitória, em termos de substância, permanece, principalmente, com os minerais de emprego imediato na construção civil como brita, areia, argila; Cachoeiro, além da grande produção de mármore, concentra boa proporção de granito e calcário, enquanto nas outras regiões, além de produção e reservas pequenas, são diversos os tipos de minérios.

## EVOLUÇÃO

Durante os últimos anos notou-se uma grande procura pela exploração de minério, segundo o levantamento realizado pela Seic e Ideies, com dados do Departamento Nacional de Produção Mineral (vinculado ao Ministério de Minas e Energias), Sistema Prosig e outras fontes de informações.

Entre 1967 e 1973 foram realizados apenas 343 pedidos de pesquisa; já no período compreendido entre 1973 e 1978, este número subiu para 1272, ou sejam 78,7 por cento do total de 1614 no período considerado (67/78).

Este fato se deve, sem dúvida de erro, ao desenvolvimento industrial a que se submeteu o Estado nos últimos seis anos, principalmente após o anúncio e início de estudos relacionados aos grandes projetos implantados e a serem implantados no Estado.

Mas se, por um lado, a cifra é animadora, por outro, o mesmo não pode ser dito com relação à trans formação dos pedidos de pesquisa em diplomas legais de lavra, que demonstra a situação atual das solicitações formuladas no período.

Neste caso, segundo o Inventário de Recursos Minerais do Espírito Santo — 1979, existem poucos avanços: do total de 1614 pedidos de pesquisa formulados no período 1967/1978, 182, representando 11,3 por cento do total, estão ainda pendentes de julgamento para pesquisa; 389, representando 24,1 por cento do total, são processos que se apresentam áreas em fase de pesquisa, ou já com relatórios de pesquisa, ou já com relatório de pes-

quisa apresentado e, portanto, pendente de julgamento para lavra ou ainda com relatório já aprovado, aguardando concessão de lavra; 19, representando apenas 1,2, por cento do total se constituem em áreas detentoras de decreto de lavra.

No entender, segundo o levantamento, apenas 18 áreas estão legalmente habilitadas para a atividade de lavra pois uma área está com decreto de lavra caduco. Além disto, 1024 pedidos, representando 63,4 por cento do total, foram indeferidos e, portanto, se constituíram em áreas livres sem nenhum trabalho geológico.

Esta cifra significa, a valores de hoje, cerca de Cr\$ 30.000.000,00 perdidos, na formulação de pedidos de pesquisa, sem nenhuma conclusão. A Secretaria de Indústria e Comércio e o Ideies, identificaram como principais responsáveis pelo problema, as três causas seguintes:

a) Superposição de áreas — que se caracteriza pela protocolização de um pedido para pesquisa na mesma área que já havia sido requerida anteriormente;

b) Falta de elementos de informação e prova exigidas por lei, para jogar o requerimento apto para pesquisa;

c) Não cumprimento das exigências formuladas pelo Departamento Nacional de Pesquisas Minerais (DNPM) no prazo de lei. Este fato comprova a falta de informações dos detentores de pedidos de pesquisa no que diz respeito à tramitação dos seus processos.

— Se considerarmos que do total de pedidos de pesquisa formulados anteriormente a 1967, dois representam minas manifestadas, duas áreas estão com as atividades de lavra suspensas por dois anos, 33 estão legalmente habilitadas para a atividade de lavra, o que totaliza 55 áreas, até o presente, com diploma legal para lavrar em todo o Estado.

— Vale lembrar que 14 áreas já são decretos caducos e nulos, somando, então, 69 diplomas legais de lavra, conseguidos até o presente no Estado. As razões principais para este baixo índice de consolidação residem na inexistência, ainda, de uma política sistemática de apoio técnico e legal, permitindo uma ação ampla e esclarecedora divulgação

da legislação mineral brasileira junto aos mineradores locais, ampliando a conscientização dos mesmos, no que diz respeito às vantagens adquiridas pela rápida legalização de suas áreas.

## PROMOÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

O trabalho de promoção e conscientização também está sendo promovido pela Secretaria de Indústria e Comércio, auxiliada pelo Instituto de Desenvolvimento Industrial do Espírito Santo.

Os empresários que desejarem maior conhecimento das exigências e informações sobre documentos e elaboração dos pedidos de pesquisa, podem se encaminhar à Seic, onde já está preparado o trabalho de apoio ao minerador neste campo de promoção e conscientização.

## MUNICÍPIOS

A exploração mineral, segundo a Secretaria de Indústria e Comércio, apresenta boas perspectivas diante dos pedidos já formulados para pesquisa.

Os municípios com maior concentração de pedidos de pesquisa compreendem as micro-regiões colonial-serrana, e vertente oriental do caparaó e Cachoeiro de Itapemirim, regiões em que as substâncias de maior incidência são o calcário, para todos os fins, mármore e granito, conchas calcárias, argila e minério de manganês.

A quantidade de pedidos de pesquisa entre 67 e 78 e as incidências das ocorrências minerais por municípios, é a seguinte: Aracruz: 39 pedidos (2,4 por cento do total); Alegre: 50 (3,1 por cento); Afonso Cláudio: 38 (2,4 por cento); Castelo: 68 (4,2 por cento); Cachoeiro de Itapemirim: 473 pedidos (29,3 por cento); Domingos Martins: 100 (6,2 por cento); Iúna: 55 (3,4 por cento); Linhares: 172 (10,7 por cento); Serra: 115 (7,1 por cento); Santa Tereza: 47 (2,7 por cento); Vitória: 52 (3,2 por cento) e outros — incluídos pedidos de plataforma continental e aqueles não identificados quanto ao Município — 409 (25,3 por cento).



## Os jesuítas em defesa da terra contra as invasões

AJ 20342.2

Falar da fundação de Vitória é necessariamente falar sobre a ação dos jesuítas na sua colonização, agindo como mediadores entre os dominadores portugueses e os indígenas. Em 1551 desembarcaram na ilha o missionário Afonso Braz e seu irmão Simão Gonçalves. Afonso Bráz assim se referia à terra que havia chegado há um ano: "É esta terra ao presente estou a melhor e mais fértil de todo o Brasil".

Imediatamente, após a sua chegada, empenharam-se na catequese dos índios e na Vila de Vitória. Foi iniciada a construção de uma igreja, e a residência ao lado do prédio foi transformado num colégio, o primeiro colégio da ilha.

Inúmeros foram os problemas enfrentados à essa época e, após afastada a ameaça dos índios ferozes, depararam com as invasões estrangeiras que frequentemente ocorriam em nossa costa. Entretanto, souberam os jesuítas enfrentar tais problemas, sempre à frente da população, confiados na fé de São Tiago, padroeiro da igreja recém-construída.

Enfrentaram os invasores nas batalhas de 1561, 1592, 1625 e 1640. Desses acontecimentos um fato marcou profundamente, a capixaba Maria Ortiz que morava na ladeira, hoje substituída pela escadaria que tem seu nome, derramou, da janela de sua residência, um tacho de água fervente sobre a cabeça do almirante Pieter Pieterzoon Heyn, chefe da expedição holandesa, fazendo-o retroceder, e sendo depois expulso pelos moradores da cidade.

Outra invasão se deu 15 anos depois, em 28 de outubro de 1640, quando chegaram à barra, sob o comando do almirante Koin e Cons Newland, cerca de 800 homens. Os invasores desembarcaram no Porto das Roças Velhas, chegaram a atacar em diferentes pontos, porém o Capitão-Mor já havia disposto suas forças. Para isso os capixabas contavam com 30 armas de fogo, duas companhias de índio com arco e flexa e o resto da população. Morreram no combate apenas 3 capixabas e mais de 300 holandeses. Comentou a batalha o padre Francisco Gonçalves Rio, pároco da Vila de Vitória: "Este tão grande milagre como outros muitos que na tal guerra houve, como não haver mantimentos na terra, perante a dita polaca e um patacho do inimigo trouxe Deus duas caravelas, uma de Santos com muita farinha, carnes e Peixes, e arribou dos Abrolhos que ia para a Bahia, cousa milagrosa para o sustento desse povo. Pelo que os senhores Oficiais da Câmara e o Sr. Capitão-Mór tem mui particularmente obrigação cada ano de dar muitas graças a Deus, fazendo uma festa com solene procissão a S. Simão e Judas, em cujo dia foi a vitória, e não por isso em esquecimento como o tem feito na Transfiguração do Senhor, em cujo dia houve antigamente nesta ilha outra vitória contra o rebelde holandez, e eu, ou o vigário que fôr, então fará o que deve, como fiz nesta guerra."

A partir desses acontecimentos, já na segunda metade do século, Vitória possuía fortificações para a sua defesa. Foi também fortificado na época uma laje próxima ao canal de acesso ao porto. No início do século XVII o Capitão-Mor Francisco Ribeiro prossegue a fortificação da cidade e incentiva a construção do Forte São Francisco Xavier.



Capela Santa Luzia -- Hoje, Galeria de Arte.

## O que fizeram os administradores no passado

Personalidades políticas. A elas estão sempre ligados o passado e o desenvolvimento verificado na cidade. Se mau administrador, dificilmente a história registrará algum feito seu; se bom, seu nome posteriormente estará registrado em algum monumento, numa praça, avenida, ou ponte.

Sua presença é importante na medida em que traça as diretrizes administrativas, estabelece as prioridades municipais ou estaduais. O presente passa a ser um reflexo dos ideários políticos dos governantes do passado, e a cidade, exibe, embora em vias de extinção, devido ao tempo e o progresso inexorável, os empreendimentos feitos.

Mais do que se preocupar os atos dos governantes em exercício, cabe aqui, olhando através de uma visão histórica, sobre o que está registrado e pode ser testemunhado, o que resultou da administração daqueles políticos pioneiros, que enfrentaram um Estado ainda sem infra-estrutura. Não é necessário falar sobre os que quase nada representam, basta apenas referir-nos àqueles mais representativos.

A três nomes estão ligada a história administrativa do Estado, e suas obras refle-

Capital do Estado, Vitória, Jerônimo Monteiro, Florentino Avidos e Francisco Alberto Rubim.

Após a instalação da corte portuguesa no Brasil, em 1808, o Governo capixaba cessou as relações oficiais com a Bahia, que vinha prejudicando o desenvolvimento do comércio, e passou a estabelecer contatos com o Governo do Rio de Janeiro.

Após a renúncia do governador Tovar, depois de ter conseguido a libertação do Governo do Espírito Santo da Bahia, aparece o nome de Francisco Alberto Rubim que deu considerável impulso econômico à Capitania. Abriu estradas, portos, incentivou a lavoura, fez a demarcação de limites, fundou novas vilas, resolveu problemas de imigrantes, e outros atos que marcaram a sua administração. Não se pode verificar em documentos da época.

Varnhagem em seu livro História do Brasil, cita

sobre Rubim: "no Ceará onde estava de governador (...) Francisco Alberto Rubim, chegando em novembro de 1820 a notícia do rompimento no Porto de Lisboa, mandou o mesmo governador publicar um edital, proibindo os ajuntamentos, e tratou de interpretar todos os impressos e correspondências favoráveis ao movimento constitucional". Tal atitude serve para ilustrar as suas posições, e também porque deve-se a Rubim, impulso econômico do Estado e suas primeiras investidas no setor industrial.

Alguns aspectos da vida comercial e agrícola das principais vilas e fazendas por eles visitadas, segundo os visitantes estrangeiros que passaram por aqui antes da independência do Estado. Conta-se que, da Fazenda Muribeca, hoje existentes raros resquícios, que ficava em terrenos entre Carapina e Serra, foram amontoados pelos viajantes mais de 200 escravos, dos quais apenas 50 eram aproveitáveis para a agricultura e derrubada de matas. Isto porque, neste local a principal fonte eco-

nômica era a mandioca, o milho, e algum café que se supõe ter sido introduzido pelo próprio governador Rubim.

Já no que diz respeito à Jerônimo Monteiro o historiador Luiz Serafim Derenzi, no livro *Biografia de uma Ilha*, coloca a devoção do povo capixaba à figura de Jerônimo Monteiro. Tornado ídolo e legenda, que cresce com o tempo na imaginação do povo, por suas obras de reforma de base em Vitória, a partir de 1908, quando assumiu o Governo, fez com que a imagem de Florentino Avidos fosse apagada da memória popular".

Florentino Avidos entretanto, diz Serafim Derenzi, "foi um homem de mérito excepcionais como administrador e amigo da cidade. Trabalho na elevação cultural e material do povo. Rasgou horizontes novos à economia do Estado. Suas como Sete de Setembro, eram completamente alagadas com qualquer aguaceiro, pondo em sobressalto os moradores. Não havia esgotos, falta de estrada rodagem. A viação era dificultada pela estreiteza das ruas principais".

## Vitória é elevada à categoria de cidade por Decreto Imperial

Existindo até então como Vila de Vitória, passa em 24 de fevereiro de 1823, por decreto do S.M.E., à categoria de cidade. Na íntegra o conteúdo do decreto era o seguinte:

"Dom Pedro, pela graça de Deus, unânime aclamação dos Povos Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. Faço saber aos que esta Minha Carta virem: que Tenho Eu elevado este País à alta dignidade de Império, como exigia sua vasta extensão, riqueza e tenho Me dado as Províncias, de que ele se compõe grandes, e repetidas provas de amor, e fidelidade à Minha Augusta Pessoa; e de firma adesão à Causa Sagrada de Liberdade, e Independência deste Império, cada Humano segundo os meios que lhe ministrarão sua população e riqueza. Houve por bem por Meu Imperial Decreto de vinte e quatro do mez próximo passado em memória e agradecimentos de tantos, e tão relevantes serviços, que mutuamente se tem prestado concorrendo todas para o fim geral do argumento, e prosperidade desta grandiosa Nação, elevar a categoria de Cidade todas as Villas que forem capitães de Províncias; e sendo a Villa de Victória a Capital da província do Espírito Santo: Hei por meu bem em conformidade do dito Meu Imperial Decreto, que fique errecra em Cidade, e que por tal seja havida e reconhecida com denominação de Cidade de Victória... e haja todos os Foros e Perrogativas das outras Cidades deste Império, concorrendo com ellas em todos os actos públicos, e gozando os Cidadãos, privilégios e liberdades de que gozarão os Cidadãos e Moradores de outras Cidades sem diferenciação alguma: que por assim he Minha Merce. Pelo que Mando à Mesa do Desembargo do Paço, e da Consciência e Ordens, Presidente do Thesouro Público, Conselho da Fazenda Nacional, Regedor da Casa de Suplicação, Junta do Governo Provisório da Província do Espírito Santo e a todas as mais doas das outras Províncias; Tribunaes, Ministros de Justiça e qualquer outras pessoas, a quem o conhecimento desta Minha Carta haja de pertencer, a cumprão e guardem e fação cumprir e guardar como nella se contem sem dúvida ou embargo algum. E ao Monsenhor Miranda, Desembargadores do Paço e Chanceler Mor do Império do Brasil, ordeno que a faça publicar na Chancelaria e que della envie copias a todos os Tribunaes e Ministros, a quem costumão enviar semelhantes Cartas, registrando-se em todas as estações de estilo, e remetendo-se o Original à Câmara da dita nova Cidade para seu Título. Dada no Rio de Janeiro, aos 16 de Março de 1823, 2º da Independência do Império. Imperador com Rubrica e Guarda. Carta que por que V. M. I. Há por bem erigir em Cidade a Villa de Vitória, capital da Província do Espírito Santo com a denominação Cidade de Victória... e com todos os Foros, Liberdade e prerrogativas de que gozão as outras cidades brasileiras, concorrendo com ellas, em todos os actos publicos na forma acima declarada. Para Vossa Magestade Imperia! Ver. Por Decreto de S.M.E de : 24 de fevereiro de 1823.



# VITÓRIA: no futuro, uma cidade humanizada

No mundo moderno de estático só existe a crença em Deus, de maneira que a mudança de uma capital ou a construção de outra são fatos aceitáveis", responde o prefeito de Vitória, Carlito von Schilgen quando questionado acerca da possibilidade da mudança da capital do Estado para Linhares, conforme desejo manifestado há poucos meses pelo governador do Espírito Santo, Eurico Rezende.

E para justificar sua resposta, que parecerá ser conformista ou aliada claramente ao pensamento do atual governador, exemplifica, a bom tempo, a mudança da capital Federal da Guanabara para Brasília. Mas, acrescenta que, mesmo assim, se tivesse que tomar tal decisão certamente não o faria, não mudaria a capital do Estado.

Sendo assim podemos crer que, exceto as melhorias que se pretende operar, a Capital do Estado continuará inalterada geograficamente. Entretanto, segundo o prefeito Carlito, várias mudanças poderão ser verificadas, após a execução dos planos que definem as prioridades municipais.

"Com o êxodo rural provocado pela erradicação dos cafezais, explica o prefeito, Vitória foi vítima de um crescimento desordenado feito de uma forma abrupta. Daí porque as necessidades dos bairros carentes, particularmente aqueles assentados nos morros, que se avolumaram 'everesticamente', para fazer uso da expressão peculiar de Antônio de Rezende, irmão do atual governador, Eurico Rezende."

Otimista com relação à execução dos projetos, Carlito reconhece que se trata de "uma tarefa gigantesca e um desafio fascinante".

Mas, quais seriam essas metas prioritárias? Quais serão essas mudanças prometidas a serem verificadas posteriormente? Definindo-as o prefeito explica: "Então o saneamento e a urbanização desses bairros mais carentes são

as metas prioritárias de nossa administração".

Paralelamente a esse projeto de saneamento básico e urbanização, já iniciados pela Prefeitura, existem outras medidas que estão sendo tomadas.

"Estamos em adiantado entendimento com o BNH para urbanização e saneamento do Bairro Itararé, Taboazeiro, Maruípe, Andorinha, Joana D'Arc, São Pedro, Comdusa, Ilha das Caieiras, Montebelo, Ilha de Santa Maria, e com o Banco Mundial, por intermédio do Governo Estadual, para a urbanização e saneamento dos bairros Maria Ortiz, Jabour e Solon Borges.

Iniciados e na fase de andamento esses projetos são acompanhados de outros da mesma natureza, que são definidas pelo prefeito, como "outras metas". Estes são os projetos de urbanização e saneamento, de áreas consideradas menos prioritárias, mas com igual necessidade.

"Temos em andamento os projetos denominados 'agressivos', que seriam o aterro 'ridicularizado' de Camburi, já viabilizado; a construção do Centro Cívico e Cultural de Vitória, e as obras de engenharia de trânsito, que terão início no próximo mês, com a construção do Trevo Rodoviário, no cruzamento da avenida Fernando Ferrari com a Adalberto Simão Nader".

Mas, não apenas no setor de obras estão programadas mudanças.

As metas prioritárias, segundo o prefeito Carlito, atingem também o setor de educação, onde constam projetos já conhecidos como a erradicação do analfabetis-

mo. Mas, como isso será possível? Através da construção de escolas, explica, e acrescenta: "A erradicação do analfabetismo prazerosamente devo anunciar que já foi dada a primeira investida. No Polo I já estamos erradicando o analfabetismo nos bairros

Maria Ortiz, Jabour e Solon Borges, onde já foram alfabetizados cerca de 1280 analfabetos; e no Polo II estão todos os bairros ligados à Maruípe".

Entretanto sabemos que em questão de educação, alfabetizado não é apenas aquele que sai do Mobral sabendo assinar o nome, mas explica o prefeito: "Estamos construindo escolas nos bairros Maria Ortiz e estamos preparando terreno para a construção de uma escola no bairro São Pedro. Estamos entrando em entendimento com o Ministério da Saúde para a inauguração, em novembro, de uma nova creche no bairro Santos Dumont".

Pressupõe-se entretanto que para um bom funcionamento do sistema educacional, não apenas a construção de escolas se faz necessário, exige-se condições funcionais, tais como salários, condições de trabalho, etc.

Quanto a isso, explica Carlito, "criamos em setembro uma comissão para estudar os desníveis salariais; e no momento existe uma comissão para a revisão dos salários dos funcionários. Existe também a criação do estatuto Municipal, e a criação do instituto de pensões e aposentadoria dos servidores municipais".

Antecipando-se Carlito coloca ainda as metas no setor de saúde. Afirmo que estão estabelecendo negociações com o Ministério da Saúde, para efetuar o levantamento tuberculíneo da Ilha de Vitória.



Carlito von Schilgen



Por aqui passaram a maioria dos prefeitos. O prédio foi demolido no Governo de Crisógono Teixeira da Cruz

## Vitória no futuro

Mas, como será Vitória no futuro? Vitória, no futuro para o prefeito Carlito von Schilgen, começa com as inaugurações em comemoração ao "Dia da Cidade". Estão programadas a inauguração da iluminação do bairro São Pedro, as ruas Bruno Beanis, a praça Oswaldo Guimarães; a pavimentação da rua Arlindo Sodré, rua Ronan, a pavimentação da rua São Marcos, galeria e pavimentação da av. Paulino Muller. Acrescenta que outras doze ruas estão sendo pavimentadas e serão inauguradas em novembro.

Quanto às futuras realizações ainda no período do seu mandato na Prefeitura, pelo menos o futuro até onde pode responder, Carlito afirma que está por conta da elaboração do Plano Diretor Urbano — PDU — realizado por técnicos da Fundação Jones dos Santos Neves, que o prefeito encaminhará pessoalmente à Câmara Municipal, em sessão solene, no dia 10 de setembro.

— Abrir-se-á o diálogo sobre o futuro de

Vitória, porque a espinha dorsal desse plano se chama 'humanização de uma Capital'.

Mas, em que consiste essa humanização? "Disciplinamento das construções e na delimitação do número de habitantes da cidade, responde.

### PDU

Sobre o Plano Diretor Urbano, diz o técnico da Fundação Jones dos Santos Neves, que o plano Diretor tem uma

série de normas, a par de uma análise onde se constata uma situação atual e que, em cima dessa situação, faz-se o conjunto de diretrizes que no fundo colocam nas mãos do executivo as normas de ocupação do solo'.

Relacionado com o aspecto paisagístico, o PDU estabelece o seguinte: "Reservar as áreas necessárias à preservação do patrimônio histórico, ambiental, paisagísticos e a proteção de eco-sistemas de importância ecológica". Estabelece ainda a conservação das características de Vitória, uma cidade com muitos atrativos naturais, e em que a vida transcorre calma sem a correria das grandes metrópoles.

## Os prefeitos de Vitória desde 1908

As prefeituras municipais do Espírito Santo foram criadas pela lei 528, de 14 de dezembro de 1908. Vitória, desde aquela data teve 38 prefeitos, que administraram na seguinte ordem: Ceciliano Abel de Almeida (1909); José Bernardino Alves Junior (1910); Antonio Francisco de Atafde (1910); Caciano Cardoso Castelo (1910); Valdemiro Fradesso da Silveira (1911); Washington T. de V. Pessoa (1914); José de Souza Monteiro (1920); Antonio Pereira Lima (1920); Coronel Otávio Indio do Brasil Peixoto (1924); Moacyr Monteiro Avidos (1928); Asdrubal Martim Soares (1930); Laerte Rangel Brigido (1933); Augusto Seabra Muniz (1933); Alvaro Sarlo (1935); Paulino Muller (1936); Américo Poli Monjardim (1946); Henrique Novaes (1943); Danton Bastos (1945); Nelson Goulart Monteiro (1946); Ceciliano Abel de Almeida (1947); Alvaro Castro Mattos (1948); José Ribeiro Martins (1952); Armando Duarte Rabello (1954); Serines Pereira Franco (1955); Adelpho Poli Monjardim (1955); Mário Gargel (1957); Oswaldo Guimarães (1958); Adeolpho Poli Monjardim (1959); Solon Borges Marques (1964); Setembrino Pelissari (1969); Crisógono Teixeira da Cruz (1971); Setembrino Pelissari (1975); Wander Bassini (1978) e na administração atual Carlito von Schilgen que assumiu em (1979).



# No bar Santos a saudade dos velhos tempos e de Portugal

AJ20342-4

Mesmo após 52 anos de fundação o Bar Santos continua o mesmo, exceto os frequentadores que são de outra geração. A mesma decoração interna mesas com pés de ferros e de mármore importado de Portugal e comprado no Rio de Janeiro em 1927. As prateleiras ainda são as mesmas e a máquina registradora de 1917 continua lá, só que como objeto de decoração, substituída por outra mais moderna para comportar as finanças do Bar, ainda continuam servindo os mesmos sanduíches assados no fogão à lenha, e a geladeira elétrica comprada por volta de 1940 continua funcionando.

Para não dizer que não acompanhou a evolução dos tempos, o Bar tem agora sinais bem característicos de nossa época, na fachada, onde existiam luminárias, tem um cartaz de refrigerantes.

Ma a razão de seu sucesso e sua sobrevivência está, principalmente, no lugar aconchegante e no fino tratamento de seus proprietários, que sempre fizeram questão de ser cordiais com os fregueses. "Nossa filosofia é de que o Bar, quando aberto, é do público que o frequenta. Só o consideramos nosso quando cerramos as suas portas. Apesar disso sempre nos preocupamos muito em oferecer um ambiente no qual o cidadão possa trazer sua família para um lanche sem constrangimento".

Mas o Bar sempre esteve aberto a todos e, segundo os proprietários, nunca houve nenhuma discriminação. Nossa tradição sempre colocou ao mesmo nível políticos, intelectuais, artistas, operários e estudantes que, quando ocupam as mesas, recebem o mesmo tratamento que nós costumamos oferecer ao público.

Alberto Ferreira, um dos filhos de seu Antônio Ferreira, o dono da casa a partir de 1934 e cunhado do seu fundador, Joaquim José dos Santos fala sobre o passado do Bar:

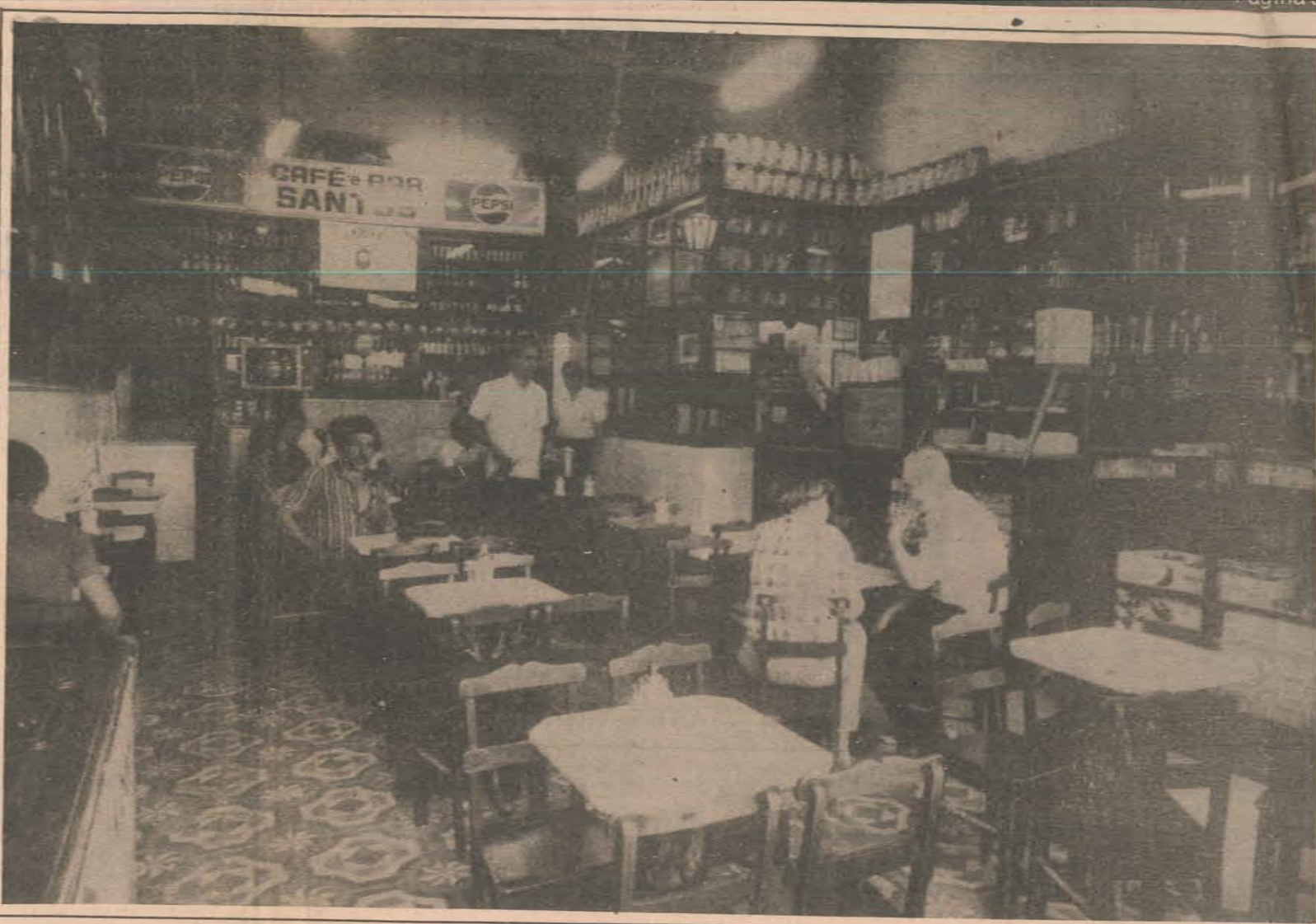
— Os anos anteriores, até 1943, tinham sido os melhores do Bar. Até então aqui se reuniam os boêmios de Vitória, que fizeram do Bar Santos o seu ponto de fim de noite. Essa boemia era formada principalmente pelos músicos - militares de nossa PM que faziam bicos diários para reforçar seu orçamento - que trabalhavam nos grandes clubes da ilha nessa época - o Bola Preta e o Estacruel.

O Bar Santos também foi o bar frequentado por Maysa quando estava em Vitória, outros artistas também o frequentaram. Os músicos que encerravam sua apresentação sempre passavam por lá para tomar umas cervejas, quando se reuniam seus amigos para animadas serestas com clarinete, saxofone, violão e outros instrumentos, que chegavam até às últimas horas da madrugada. "Era uma boemia tranquila, formada por senhores de meia idade, uma coisa que não existe mais em Vitória", diz o seu proprietário.

O segredo do Bar Santos é o seu ortodoxo sistema de atendimento. São os próprios três sócios que atendem aos fregueses e puxam conversa, principalmente se há algum frequentador novo. Alberto Ferreira, Adelino Antônio Ferreira e José Fernando Caseira, que vieram de Varsim, em Portugal são os responsáveis pelo seu sucesso.

O roteiro para uma visita ao Bar Santos e a constatação de toda sua originalidade não é difícil, basta apenas a observação. Próximo ao caixa está o mesmo diploma de sócio do Clube de Natação e Regatas Vasco da Gama, o relógio antigo na parede acima das prateleiras. Nas paredes as propagandas políticas de eleições passadas, sem distinção de partidos. As luminárias, o cartaz luminoso de refrigerante e o aparelho de televisão preto e branco. A um canto os mais antigos jogam uma partida de dama, na ausência do bilhar francês que foi retirado da casa em 1956.

**A bem da memória histórica e para conhecimento das gerações futuras já se pediu o tombamento do Bar Santos e do Britz para o Patrimônio Histórico Etilico e Sentimental do Espírito Santo. No futuro, a geração pós-discoteque poderá tomar conhecimento das mágoas, angústias, alegrias e aspirações dos seus antepassados. Verão na arquitetura dos prédios, nos bares tradicionais que ainda restarem, o retrato da vida que levavam seus avós. Estará registrado nas cadeiras de bar, no serviço de som obsoleto e nas músicas tocadas na época, as mostras de uma evolução que se processa, e dura enquanto vemos o tempo passar. Da mesma forma que, falar do Rio de Janeiro antigo, é falar da boemia da Lapa.**



## Britz, desde a geração fim de álcool à época das cocotas

"Com a palavra os poetas da vida, ou os embriagados do bar", como diz Hely Edson, quando se trata de falar sobre o Britz Bar. Mesmo porque, desde 1961, são eles os assíduos frequentadores do tradicional bar do final da rua Gama Rosa.

Um dos únicos sobreviventes dos bares tradicionais, o Britz ainda hoje é o lugar preferido por aqueles que gostam de trocar idéias, discutir política, ou debater sobre arte. Há até aqueles que lá vão para ficar informado do que se passa na cidade, porque existe uma espécie de agentes informativos que sabem de tudo, e sobre a vida de todos. Costuma-se dizer que as notícias chegam primeiro ao Britz do que aos jornais.

Combatido, mal visto o Britz continua até hoje e seu sucesso deve-se em particular ao proprietário Eduardo Paru que sempre "suportou" até os boêmios mais importunos. Sobrevivente às pressões das famílias tradicionais, as moças jamais ousavam frequentá-los e até evitavam pas-

sar pelas proximidades. Mas acontece que mesmo sob pressões o bar sempre manteve frequentadores de alto nível intelectual, e já houve época que existiu, inclusive, o Britznews, jornal mural, editado pelo jornalista Rogério Fabrino. A sua redação era montada no segundo andar do prédio, mas não demorou muito para que a polícia apreendesse material publicado, inclusive o da edição seguinte. Comenta um jornalista que o jornal era liberal demais e não agradava a muita gente.

Mas qual a razão de se dedicar tanta importância ao Britz, mesmo nos dias de hoje, quando se encontra menos frequentado que nos velhos tempos? A razão encontra-se principalmente na tradição que já adquiriu, transformando-se no QG dos boêmios. Seus

frequentadores mais antigos, e que continuam até hoje, Beth Osório, Marcelo Osório, Marcos Alencar e outros, encontram sempre um motivo para frequentá-lo.

O papel fundamental do Britz sempre foi ponto de encontro do pessoal, e principalmente porque nos primeiros tempos o pessoal ainda não tinha o hábito de passar o final de semana fora da cidade. Mais existe uma característica peculiar ao Britz que talvez não seja encontrada em nenhum outro bar por mais frequentado que seja: o mau gosto e mau atendimento, a cerveja mantém a tradição de ser servida morna, a comida não é boa e a higiene é precária. A razão de sua sobrevivência, até hoje, talvez seja esse kitsch, que não é encontrado nas discotecas e outros similares, e por isso lembra ainda as noites de fossa, de bebedeira, seresta, paquera e, aliás uma coisa que permanece até hoje, o fato de que os frequentadores, quando não têm dinheiro, penduram a conta com o dono do bar.



A20342.5

**Transportadora Continental Ltda.**

# QUANDO NÓS NASCEMOS, VITÓRIA SÓ TINHA 396 ANOS...

De lá para cá,  
crescemos juntos.

E só conhecemos  
vitórias, pela união,  
pelo serviço que  
prestamos ao seu  
povo, pela confiança  
que depositamos em

seu futuro.

Pela esperança  
de continuarmos  
crescendo.

Sempre mais.  
Juntas. De mãos  
dadas com o pro-  
gresso.

VITÓRIA — Rod.  
Carlos Lindenberg,  
1990 — Tel.  
226.5433 — CEP  
29.100 — TELEX  
0272307 GDTC —  
V. VELHA — ES.  
RIO DE JANEIRO  
— Rua da Igreji-  
nha, 12 — TELS.

248.7255 —  
264.4017 — CEP  
20931  
SAO PAULO —  
Rua Nelson de  
Moraes Lopes, 252  
— TELS.: 292.2996  
- 923.765 — CEP  
02052 — TELEX  
011.33118 GDTC.

## PORTO DE VITÓRIA:

### Polo de desenvolvimento econômico

Por uma questão de fatores geográficos e históricos o Porto de Vitória possui uma das maiores hiterlândias e desempenha um papel de mais alta importância para o processo de desenvolvimento não só do Estado como também de toda a sua área, que foi ampliada para o total aproveitamento dos recursos geográficos que lhe favorecem.

Considerado um dos mais modernos portos do País, os seus primeiros trabalhos começaram na época do Governo Jerônimo Monteiro, mas paralisado durante a I Guerra Mundial, até o período Florentino Avidos.

Ocupa o terceiro lugar, segundo dados do IBGE de 1967, e foi criado em função do mercado internacional do minério de ferro. Desde a sua criação o Porto de Vitória experimenta constante expansão e avanço, aprimorando desde os seus serviços internos até o relacionamento com a região a que serve.

Sua expansão foi elaborada pelo superintendente Dorian Castello Miguel, engenheiro naval com vasta experiência em órgãos e de administração. O Plano Diretor Básico previa realizações que objetivavam transformar o Porto de Vitória "da condição de um gargalo cada vez mais asfixiante da economia de sua hiterlândia, para a condição de elemento a dinamizador da mesma, passando a ter uma função motriz para a sua área de influência.

#### EXPANSÃO

De acordo com o Plano Diretor do Porto de Vitória, realizado em 1969, sua área de influência abrange todo o território capixaba, parcelas da região do Rio Doce, zona da mata e metalúrgica do Estado de Minas Gerais e Sul da Bahia, compreendendo uma extensão de aproximadamente 214 mil quilômetros quadrados, cinco vezes maior que a área do Espírito Santo.

A melhoria da infra-estrutura dos transportes que convergem para os terminais marítimos de Vitória e Tubarão fez com que o Governo previsse a expansão da hiterlândia para até 500 mil quilômetros quadrados.

Entre os principais acessos nos terminais de Vitória destacam-se a BR-262, ligando o asfalto Vitória a Uberaba; a BR-101 e a estrada de Ferro Vitória Minas. Grande parte do corredor de Transporte Vitória-Tubarão sofreu modificações profundas em sua estrutura de produção agrícola, em função da queda da produção cafeeira, acentuada no fim da década de 60. A moderna infra-estrutura de transportes possibilita a colocação de produtos nos terminais marítimos a custo relativamente baixo.

#### CAIS DE CAPUABA

O Cais de Capuaba duplica a capacidade do Porto de Vitória, destinando-se principalmente à estocagem de materiais para exportação, gêneros alimentícios, carne congelada.

Segundo o superintendente Jacob Ayub, os fatos relacionados com a construção do Cais de Capuaba remontam de 1969, com a elaboração do Plano Diretor do Porto de Vitória. Depois de eleito pelo Governo Federal, como um dos quatro corredores de exportação do País, o Porto de Vitória necessitava de uma ampliação que comportasse tal demanda, e em 26 de outubro de 1971, um contrato era assinado entre a Administração do Porto de Vitória e o Consórcio Planave - Engevix, para a sua construção, numa solenidade presidida pelo então ministro Mário Andreazza, dos Transportes.

Bastante significativo na economia do Estado, Capuaba, além de projetar a importância do Espírito Santo no desenvolvimento do País, ainda situa Vitória como um Porto lógico, racional e econômico para o escoamento de uma imensa produção acumulada no Centro-Oeste do País.

#### TUBARÃO

Localizado na ponta do Tubarão, em Camburi, o Terminal Marítimo de Ponta de Tubarão é considerado o maior porto do mundo no gênero. Seu "pier" com 390 metros de extensão e 18 de largura, permite a atracação de navios calando até 25 pés e sua insuflação mecânica atinge a um índice de 6.000 toneladas por hora, a capacidade do sistema de carregamento a ser de 12.000 toneladas por hora e a capacidade de pátio de estocagem aumentará para 2 milhões de toneladas. A plena utilização do terminal de Tubarão elimina do Porto de Vitória a exportação de Minério.



Terminal Marítimo  
Ponta de Tubarão





AJ20342-6



**NÓS TEMOS MUITO A**



# NÓS TEMOS MUITO A

## VER COM ESTA

### CIDADE

E com o seu progresso. Com seu desenvolvimento econômico. Com sua luta constante, tenaz, incansável.

Em cada estágio, em cada seguimen-

to, em cada obstáculo ultrapassado, o Banco do Estado do Espírito Santo está presente — apoiando, financiando, injetando recursos para tornar

menos árida a luta e mais próximo o êxito de cada empreendimento.

Por tudo isso, não podemos conter esta manifestação

de júbilo, esta explosão de alegria pela passagem de mais um aniversário da Cidade a quem amamos, tanto quanto a sua gente.



# **BANCO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO S/A**



AJ20342-7

# Turismo: uma questão de propaganda e humanização da cidade



Qual o segredo para uma intensa atividade turística numa cidade, principalmente uma cidade como Vitória, cujas características são bem peculiares, mistério por todos os lados, principalmente se nela residimos; uma maravilhosa vista para a entrada da baía; enormes, e maravilhosas montanhas rochosas, quase nem sempre conservados; um clima agradável e o envolvimento poético do Vento Sul; e tem mais, a vida aqui ainda transcorre simples e calma apesar dos sinais visíveis do progresso, poluição sonora e visual?

Propaganda, disse a cronista Carmelia M. de Souza. Uma bem bolada propaganda turística pode fazer um paulista, acostumado à vida agitada, apaixonar-se pela quietude da ilha; um baiano, acostumado a comer acarajé de repente achar deliciosa a torta capixaba; um pernambucano ou cearense, acostumado a comer peixada com leite de coco, descobre que o peixe pode ser gostoso também na forma de moqueca. E a torta capixaba, que já foi nome até para antologia de escritores?

Uma pessoa vem de outro Estado e descobre que aqui em Vitória a vida é calma e comenta surpresa: "Que sorte

que o engarrafamento do trânsito aqui é menor que em São Paulo e no Rio". Longe de ser conformismo é apenas uma observação de que mesmo certos pontos abandonados podem se transformar em atração. As ruínas do Paternon na Grécia até hoje atraem multidões, para ver o templo que era dedicado a todos os deuses na antiga civilização helênica. Em Vitória, existe o Palácio Anchieta onde se encontram os restos mortais do jesuíta, padre José de Anchieta. O turista pode saber também que, no passado, a Rua Sete descia devagar e desaguava no mar, fazendo a paráfrase do poeta José Irmo Goring.

Um estudo feito pela Fundação Jones dos Santos Neves

para a Emcatur — Empresa Capixaba de Turismo — estabeleceu algumas prioridades imediatas para o turismo capixaba, abrangendo não só a Capital, mas extensivo a todo o Estado. Segundo o estudo o turismo tem futuro, embora até agora só se tenha notado algum desenvolvimento na orla marítima.

Doze projetos foram elaborados durante o período compreendido entre os anos 1972 a 1977, com financiamento aprovado com recursos do Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes), através do Fundo de Fomento ao Turismo e da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur). O Bandes aprovou o financiamento da ordem de Cr\$ 14.636,00, enquanto que a Embratur totalizando Cr\$ 86.761,90.

A principal preocupação tem sido dotar o Estado de uma política que satisfaça as necessidades turísticas, com dis-

tribuição de áreas para aproveitamento, procurando-se obter resultado a partir das potencialidades de cada um. Entre as demais zonas de atuação do plano elaborado, zonas de praia e estações balneárias no litoral norte, zonas de praia e estações balneárias à beira mar, no litoral sul e zona da mata, está a zona de aglomeração que corresponde à área urbana da Grande Vitória, incluindo os municípios de Vitória; de Vila Velha e Serra.

A estratégia usada pela Emcatur é de manter o turismo de forma permanente. Contribuindo para esse projeto estão condições especiais de transporte como a construção de um sistema rodoviário, pavimentação das rodovias federais e estaduais, além da sinalização turística das rodovias das cidades, para facilitar o acesso de turistas.

No que diz respeito à cidade de Vitória possibilidades turísticas estão mais ligadas ao Plano Diretor Urbano, elaborado pela Fundação Jones dos Santos Neves, para ser

executado pela Prefeitura Municipal. A intensificação do turismo em Vitória e os recursos oferecidos pela cidade podem ser mais explorados a partir de um melhor planejamento urbano, do tratamento das áreas abandonadas, principalmente para amenizar o contraste entre a paisagem antiga, com o ar poético e as tarcas do passado, e a crescente modernização da cidade que acompanha a funcionalidade exigida no nosso tempo. Necessário seria para a humanização pretendida para a cidade a construção de mais áreas e lazer e áreas verdes.

Se totalmente concretizado o PDU viria resolver problema dessa natureza pois uma das suas diretrizes básicas é reservar as áreas necessárias à preservação do patrimônio histórico, ambiental, paisagístico e ecológico da cidade. Obviamente que dessas determinações e cumprimentos à risca é que depende o futuro do habitante de Vitória enquanto segurança, lazer e estabilidade psíquica.



## Vitória: uma ilha preguiçosa, selvagem e doce

"Qualquer analfabeto deveria saber que turismo, em qualquer lugar do mundo, é feito na base do mito, do enfeite, da embromação. Posso citar como exemplo a Praia de Saint-Tropez — que não passava de uma aldeia de pescadores muito tranquilamente acomodada na costa francesa, nem tão bonita, talvez, como a nossa Nova Almeida. É que hoje está transformada num dos lugares mais caros, mais sofisticados, mais famosos e mais discutidos de todo o mundo. E vocês pensam que foi Napoleão quem abaixou por lá a fim de fazer isto? Que foi milagre de Joana D'Arc? Que foi Nosso Senhor Jesus Cristo? Pois fiquem sabendo que se deve tudo isso a uma bem orientada propaganda turística, daquelas assim, de torrar o pardal, meu filho".

"O diabo é que vocês não aprendem a enxergar a coisa como ela é. E estão sempre prontos a me chamarem de doida, todas as vezes em que eu eserevo que a rua Duque de Caxias é linda, bárbara, importante. Porque, além do Milson morar lá, tem outros méritos que outras ruas não têm: autêntica, tem história, tem tempo, tem marcas de vida, tem personalidade, charme, beleza, borogodó. É uma rua com alma e coração, capaz de comover a gente por causa do seu lirismo, de sua beleza antiga, de sua poesia. Vocês não alcançam a



importância de uma cidadezinha como Santa Teresa, porque se esquecem de suas rosas, dos seus jardins coloridos, de sua paisagem — onde habita um homem chamado Ruschi, que conversa com os passarinhos e que é um dos maiores gênios deste mundo. O turista capaz de sair daqui completamente gamado por causa de tudo que vê. É capaz até de sentir inveja da gente. Enquanto que vocês, se bobocas, não sabem valorizar as coisas que têm. Só querem mesmo é bagunçar o coreto, ficam aí reclamando e se esquecem de que o nosso Estado — especialmente Vitória — possui coisas lindíssimas. Se esquecem de que a ilha também é uma cidade maravilhosa, a sua maneira. E que, para isto não requer uma centena de restaurantes e buates escancarados dia e noite, um em cada esquina. Basta que ela seja apenas — A ILHA — simples, preguiçosa, selvagem, doce, natural, bonita. Basta este feitiço que eu chamo de borogodó para que ela possa ser encarada uma delícia — embora, às vezes ironicamente — uma delícia à qual ninguém consegue resistir. Trecho do livro Vento Sul, de Carmélia M. de Souza (com introdução de tuma, com edição e seleção de Amylton de Almeida).